

O OCTÓGONO DO JORNALISMO LITERÁRIO COMO CONCEITO PARA O GÊNERO JL

Silvia Valim

valimsilvia@gmail.com

Mestre em comunicação pela
Universidade Federal do Paraná

DOI: <http://dx.doi.org/10.21882/ruc.v4i7.620>

Recebido: 24/04/2016
Publicado: 07/12/2016

29

*EL OCTÁGONO DEL PERIODISMO
LITERÁRIO COMO UN CONCEPTO
PARA EL GÉNERO PL*

RESUMO

Este artigo tem como proposta iniciar a compreensão sobre o Telejornalismo Literário (TL) segundo VALIM (2016) apresentando um breve estudo do Jornalismo Literário, gênero do jornalismo que compõem a genealogia do TL à partir dos autores Mark Kramer (1995), Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2008) e Passos e Orlandini (2008). Primeiro, apresentamos estudos sobre o jornalismo literário conforme o entendimento destes autores para, posteriormente, identificarmos traços e estruturas a serem aplicadas em nosso próprio conceito classificado como Octógono do Jornalismo Literário. A classificação estabelecida abre caminho para um novo entendimento do JL que precede o Telejornalismo Literário como papel de formador sociocultural do telespectador.

Palavras-chave: Jornalismo Literário. Conceito. Telejornalismo Literário.

ABSTRACT

En este artículo se pretende iniciar la comprensión del Teleperiodismo Literario (TL) según VALIM (2016) presentando un breve estudio del periodismo literário (lo mismo que periodismo de creación), género periodístico que compone la genealogía de TL a partir de los autores Mark Kramer (1995), Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2008) y Pasos y Orlandini (2008). En primer lugar, se presentan los estudios de periodismo literario por la comprensión de estos autores para identificar posteriormente rasgos y estructuras que han de aplicarse en nuestro propio concepto clasificado como Octágono del Periodismo Literario. La clasificación da paso a una nueva comprensión de Periodismo Literario anterior al Teleperiodismo Literario como formador de papel sociocultural del espectador.

Palabras clave: Periodismo Literario de creación. Concepto. Teleperiodismo Literario.

Introdução

Utilizar as perguntas do lead foi uma fórmula criada para tornar a imprensa mais ágil e menos prolixa. Em contraposição à imprensa praticada no Brasil Império, quando o que se divulgava era mais uma propaganda ideológica, o jornalismo adotou uma forma rápida de consumir notícia.

Em um resgate da história da imprensa, Patrícia Bandeira de Melo mostra que o jornalismo interpretativo foi “sufocado pelo processo de censura no período de guerra, com o impedimento dos jornalistas nos campos de batalha” (MELO, 2015, p. 06). Com isso, houve a necessidade de se criar algo que fosse além de separar a opinião da notícia, e é justamente aí que nasce o lide, as clássicas perguntas quem, quê, quando, onde, como e por quê.

A elaboração de uma linguagem específica levou a uma crescente afirmação da autoridade profissional dos jornalistas. Os acontecimentos começaram a ser explicados, simplificados e criticados, como forma de facilitar a sua compreensão pela sociedade, ajudando a legitimar o jornalista como intérprete dos fatos sociais, políticos e econômicos. (MELO, 2015, p. 06).

Por outro lado “é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados”, sugere Felipe Pena (2005, p. 35). É notório que, para alcançar ainda mais velocidade na produção quase enlatada de reportagens, busca-se com raras exceções, as chamadas fontes oficiais. “Como não há tempo no Jornalismo diário, os repórteres

sempre procuram personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso”. (PENA, 2005, p. 37) Então, de que modo dentro dessa rotina, caberá espaço para um jornalismo mais apurado e transformador?

Para alcançarmos uma resposta coerente é necessário levantar o fato de que a sociedade não possui mais tempo para aprofundar conhecimento dos fatos noticiosos. Uma pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA) divulgou em março de 2014 que a televisão aberta continua sendo a mais assistida pelos brasileiros, totalizando 90,5% da população.

Em outra análise mais aprofundada, desta vez da Pesquisa Brasileira de Mídia 2014 – Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira¹, a TV é identificada como o meio de comunicação mais frequentemente usado pelos brasileiros.

Questionados sobre o que mais assistem na televisão, 80% dos entrevistados citaram programas de notícias e jornalismo. O que só reforça a tese de que a TV ainda é a mídia mais importante para informação do cidadão, como corrobora Marshall McLuhan:

Depois da tv muitas coisas já não funcionam tão bem. Tanto o cinema como as revistas de âmbito nacional foram duramente golpeados por esse novo meio. Até as estórias em quadros declinaram bastante. Antes da TV, o fato de Joãozinho não ler causava muita preocupação; depois da TV, Joãozinho passou a dispor de todo um novo conjunto de percepções. (MCLUHAN, 1969, p. 210).

¹ Esta foi a 1ª edição da pesquisa divulgada em 7 de março de 2014 e encomendada ao Ibope – Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística - pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência

da República. O levantamento ouviu 18.312 brasileiros entre 12 de outubro e 6 de novembro de 2013 em 848 municípios. A margem de erro é de um ponto percentual.

É claro que os livros-reportagem, indicados como métodos para conhecer as raízes e desdobramentos de determinado assunto que não foi explorado suficientemente pela mídia a ponto de mostrar as várias facetas do tema, bem poderiam suprimir as lacunas deixadas pela televisão, porém, está fora do alcance de um jornalismo diário.

O que buscamos é um jornalismo apurado que atraia a atenção do espectador, que seja breve, mas que supra as perdas toleradas pela notícia objetiva e, ainda, que esteja na esfera de transformações sociais. Sendo a TV um dos meios mais buscados pelos cidadãos brasileiros acreditamos que um dos caminhos é o telejornalismo.

Mas a televisão, soberana entre os meios de comunicação, aparentemente virou a tela de segundo plano com a vinda da internet. *Tablets* e *smartphones* hoje acompanham os telespectadores do mundo, porém, a facilidade deu abertura para a TV na internet, transmitindo a informação da mesma forma compacta que percebemos hoje. Ao utilizar o termo televisual estamos abrangendo nossa pesquisa para um campo mais amplo, em que a televisão como meio audiovisual se insere.

No entanto, os telejornais que funcionam como um resumo das notícias diárias em velocidade extraordinária de leitura é o caminho que queremos estudar e apontar como meio que merece atenção e transformação em sua estrutura narrativa para que comporte não apenas o lide, mas os desdobramentos deste.

É preciso ponderar que algumas vezes pode parecer inútil a tentativa de inverter os padrões informativos existentes, no entanto, o

desejo de refletir a respeito dos meios de comunicação é mais forte que a necessidade de transformação crítica sobre o espectador.

A influência da televisão na opinião, na escolha do voto, nas conversas em roda de amigos e nas simples atitudes diárias da população é inegável desde sua existência. “Este papel que a mídia tem de definir a agenda liga o jornalismo e sua tradição de contar história à arena da opinião pública, uma relação com consideráveis consequências para a sociedade” (MCCOMBS, 2009, p. 16). E a TV e o telejornalismo têm cumprido esse papel e não é de hoje.

De tão intrigado sobre os motivos que teriam levado os eleitores norte-americanos a serem cativados mais por um debate na TV em 1950 (sic) do que por um palanque, McLuhan trouxe a situação como exemplo de estudo sobre os efeitos da televisão.

Conforme aponta Irene Machado, o questionamento de McLuhan era “como um debate reproduzido entre os dois candidatos, numa tela em preto e branco, converteu-se em algo mais cativante que o contato humano e direto com os candidatos no palanque do espaço público?” (MACHADO, 2012, p. 31).

Em uma de suas análises, McLuhan originou a hipótese de que a TV toca as pessoas na pele, o que ele entende como ‘tato ativo’: o que quer dizer atingir todos os sentidos perceptuais e cognitivos. Ou seja, o efeito atua tanto na percepção quanto no entendimento.

Para Machado, “não é propriamente o conteúdo do debate, mas o fato de ele ser realizado para as pessoas em suas casas que criou o envolvimento.” (MACHADO, 2012,

p. 33). Com isso, concluímos que o meio adquire a condição de objeto de pesquisa e de entendimento, e cria padrões de conexão formadores de ambientes.

E é nesse contexto, que Machado (2012, p. 33) apoderando-se novamente de McLuhan, sugere “acompanhar a história dos meios como uma história alfabetizadora, na qual os efeitos, e não as sequências são agentes das interações sociais.” (MACHADO, 2012, p. 33).

Um desses agentes analisados por McLuhan inclui o ouvinte na trama do seu pensamento. O autor insiste na piada, em forma de chiste ou adivinhação, na tentativa de direcionar a participação do outro. Conforme Machado nos explica:

O feito apelativo da linguagem assim empregada revela o seu caráter dialógico e, portanto, envolvente. Seja como piada ou chiste, o discurso assim enunciado não se realiza sem vínculo de duas ou mais mentes concentradas no mesmo foco. Piada e chiste são gêneros discursivos de construção da linguagem que mantêm vivos os elos de envolvimento e participação. (MACHADO, 2012, p. 27).

McLuhan (2005) observa que esses gêneros atraem dois processos sensoriais: o percepto e o conceito. Para ele, o percepto ativa uma sugestão, enquanto o conceito atua interferências. Com isso, o autor analisa que ambos estão condicionados e, portanto, criam ambientes relacionais e fluxo de ideias. Machado, apropriando-se do autor consegue transpor o conceito.

Uma piada pode evocar dimensões mais fundas de uma mensagem; por conseguinte, aquilo que emerge na superfície não é

da mesma natureza daquilo que se configura no fundo.

E é este o alvo que lhe interessa: a noção de que se a relação figura/fundo não se encontra ausente na formulação de uma piada, certamente não se pode descartá-la do processo cognitivo. Ao que conclui: “a vantagem de sempre estudar qualquer figura em relação ao seu fundo é que aspectos inesperados e negligenciados de ambos se revelam.” (MACHADO, 2012, p. 210).

Nessa defesa do processo pergunta e resposta, McLuhan acredita que este colabora para o envolvimento no ambiente dos meios. Segundo Machado, “para produzir o efeito desejado, a piada gera envolvimento, desperta a percepção para algo”. (MACHADO, 2012, p. 28). É esse envolvimento que provoca mensagem. O título do best-seller “O meio é a mensagem”, de 1967, já era uma experimentação desta proposta de McLuhan. Uma brincadeira com a máxima do autor de que o meio é a mensagem.

Seu filho Eric garante que tudo não passou de um erro tipográfico, que com um ‘e’ mal revisado transformou message [“mensagem”] em massage [“massagem”]. Conhecendo porém o pendor de Marshall McLuhan para o trocadilho e o humor — para ele uma forma eficiente de “romper” o ambiente e envolver as pessoas em um entendimento coletivo — fica difícil acreditar na anedota. Seja o título um insight intencional ou uma trapalhada do revisor, pode-se argumentar que o meio é de fato a mensagem porque ele opera constantemente sobre você e, como em uma massagem, você pode ficar tão acostumado a ponto de não notar que está sendo manipulado, alterado, condicionado. (MCLUHAN, 2011, p. 34).

Nesse sentido, Marshall McLuhan expõe o que pode ser trazido para o telejornalismo compreendido como uma amplitude da

informação, e não apenas um recorte da realidade, adicionando a clara interação do telespectador no tema retratado. Um dos subgêneros do jornalismo que entra como uma fuga do condicionamento da reportagem, já que seu objetivo é a permanência, é o Jornalismo Literário (JL).

No livro de mesmo nome Felipe Pena defende que pela realidade ser tão complexa é preciso que a reportagem também respeite essa complexidade, o que requer um outro tratamento da informação narrada. (PENA, 2015). Complementando, Angélica Fabiane Weise defende que o jornalismo literário traz consigo não só uma notícia, mas também uma história.

A informação ganha companhia de adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto e contextualização que não teriam oportunidade de ganhar vida no cotidiano jornalístico. Este estilo de informar tem aspectos que o tornam, sem exageros, nobre perante outras formas de veiculação de notícia impressa. Por suas particularidades, exige talento, dedicação e grande capacidade de empatia por parte de quem o pratica, afinal a humanização, que é arte de tornar mais real o fato, geralmente está no DNA deste modo de fazer jornalismo. (WEISE, 2013, p. 01).

As matérias premiadas do paranaense Mauri König reunidas em *Narrativas de um Correspondente de Rua* (2008), por exemplo, mostram o comprometimento do jornalista com a precisão de dados, e também em uma imersão na vida dos personagens registrados em suas narrativas da vida real.

Como o próprio autor revela no prefácio de sua primeira obra, o livro não se propõe à isenção, mas é um convite à indignação, ainda que König (2008, p. 17) não tenha se deixado levar por “aforismos que pudessem

induzir ao risco de distorcer a veracidade ou exatidão do fenômeno estudado”. Especializado em jornalismo literário, König conseguiu unir o jornalismo informativo e de transformação social somando-os às técnicas e à garimpagem minuciosa de características da narrativa literária, utilizando-se visivelmente de voz autoral, que o separa o texto comum. E, por que, essa mesma fórmula não poderia ser utilizada na televisão?

Hoje alguns grupos de jornalistas aprofundam e buscam uma linguagem mais elaborada nas chamadas reportagens especiais, utilizando-se da técnica do jornalismo literário na TV (ainda sem definição certa de gênero). José Hamilton Ribeiro, dono de um arquivo autoral de quinze livros-reportagem e incontáveis prêmios trouxe para a televisão a mesma linguagem que começou utilizando como correspondente de guerra, no meio impresso, mostrando que é possível fazer um jornalismo diferenciado em qualquer área. Um jornalismo, no qual os efeitos “são agentes das interações sociais”, assim como defende McLuhan em relação à utilização da piada e o do chiste para criar envolvimento e despertar a percepção, um envolvimento que gera a mensagem, possivelmente de transformação e que se busca disseminar.

É fato que, se os jornais não abrem comumente o mesmo espaço dado ao jornalismo factual ou *hard news* para o jornalismo literário, que tem como premissa a humanização, a televisão menos ainda. A característica dos telejornais, estendendo-se à instantaneidade do rádio, sempre foi a notícia em tempo recorde.

E justamente pela pouca, ou rara importância dada à execução deste telejornalismo no Brasil é que não temos bibliografia

vasta para elaborar e explicitar as possibilidades e vertentes do jornalismo literário na televisão.

As características do jornalismo literário encontradas em livros-reportagem e revistas vão desde a precisão de dados e informações como estilo, metáforas e simbologias, passando pela voz autoral, imersão, digressão e conseqüentemente a humanização, conforme os autores Edvaldo Pereira Lima e Felipe Pena, entre outros.

E o uso, ainda, da pluralidade de vozes, formas e significados ampliam o entendimento do contexto que se quer apresentar, é o ambiente relacional para o fluxo de ideias do qual fala McLuhan.

Mesmo ao adotar todas essas particularidades, verifica-se que ainda não são desenvolvidas com afinco no telejornalismo diário, em que o deadline é curto e existe uma proliferação inenarrável de pautas que surgem minuto a minuto, permanecendo outras demandas, especialmente no telejornalismo onde a captura de sonoras e imagens exigem ainda mais tempo da equipe de reportagem.

Contudo, descobre-se que os jornalistas literários da televisão existem e buscam seu lugar.

Utilizando-se de técnicas como a descrição apurada e metáforas, além de uma percepção aguçada do olhar do outro, a repórter da Rede Globo, Neide Duarte, aborda especialmente temas que priorizam a humanização. Na mesma linha segue o repórter, também da Rede Globo, Marcelo Canellas que claramente mostra em suas reportagens uma imersão profunda no tema, comparações, simbo-

logias, e um estilo de montagem não cronológica (atemporal) que foge do comum buscando sempre sensibilizar o telespectador, que podemos entender como humanização.

José Hamilton Ribeiro, que faz um jornalismo voltado para a linguagem do homem rural, é na verdade um dos alicerces para os repórteres engajados socialmente que surgiram depois dele. Seu estilo é desprendido de qualquer amarra que permeia o jornalismo, utilizando-se livremente da fala, da literatura e até da poesia para transmitir ao telespectador os ensinamentos de quem vive longe da vida urbana.

Todos esses elementos, originais da linguagem do jornalismo literário, migraram para a televisão aportando no telejornalismo. Desta forma, passamos a identificar tais produções como sendo do Telejornalismo Literário ou TL (VALIM, 2016), um outro gênero que nasce do encontro entre o jornalismo literário (que por si só é um gênero híbrido entre o jornalismo impresso e a literatura) e o telejornalismo.

Poucos autores têm investido no tema, porém este é um produto que já vem sendo consumido pelo público. Além disso, o Telejornalismo Literário trata-se de um corpus complexo e multidimensional, e é preciso estudar sua estrutura narrativa, ideológica e artística, assim, se faz necessário compreender o conteúdo e a forma de veiculação conceituando-o e identificando seu espaço no telejornalismo brasileiro.

No entanto, o TL tem uma herança visível do JL e, neste sentido, estudar o jornalismo literário é o primeiro passo para compreendermos a reportagem literária na televisão.

Por trabalhar no telejornalismo, não é demais afirmar que minha aspiração é poder também cumprir com minha responsabilidade social perante o jornalismo, abrangendo este método e encontrando elementos suficientes para caracterizar uma nova possibilidade de transmitir a notícia com clareza, profundidade e humanização.

Desde minha formação em 2006, atuei intensamente no telejornalismo frente às câmeras, como repórter e apresentadora, e também por detrás das lentes, em edição e produção de reportagens. E, ao mesmo tempo, o jornalismo impresso (ou escrito) sempre foi meu companheiro em passagens por revistas e jornais onde atuei como repórter *freelancer* e busquei preencher lacunas que sobravam na televisão.

Não tardou minha busca pela pós-graduação em jornalismo literário na Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), cujos professores Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas e Celso Falaschi, autores de livros e artigos sobre Jornalismo Literário foram coordenadores e cofundadores da hoje já extinta ABJL, juntamente com o jornalista-webmaster Rodrigo Stucchi.

Com uma perspectiva diferente, e quase sempre com maior liberdade para escrever, na imprensa escrita era possível dar a dimensão que eu não conseguia no telejornalismo. Foi na reportagem que busquei caminhos para trazer uma nova perspectiva.

Ali era possível abrir o horizonte da notícia, investigando com mais tempo e mais zelo como pede uma reportagem especial. Ao trabalhar em veículos menores e, em contrapartida, com maior abertura editorial pude experimentar um estilo que me encantava: o

jornalismo literário, o que me inspirou a conhecê-lo mais e, posteriormente, vivenciá-lo de forma fragmentada também na televisão. Desse modo, fui descobrindo um novo telejornalismo aplicado por colegas de profissão que agora me guiavam e me instigavam a uma investigação maior.

A partir desses pressupostos, o objetivo principal deste artigo abrir caminho para o Telejornalismo Literário conceituando, primeiramente, o Jornalismo Literário, afim de que os critérios possam ser aplicados em análises futuras.

Para tanto, adentramos aqui na história do Jornalismo Literário, a fim de que se possa compreender de que forma se deu a influência da literatura no jornalismo e a própria potencialidade do jornalismo, conheceremos a oficialização da nomenclatura do Jornalismo Literário e sua passagem pelos livros e revistas, onde foi desenvolvido e, saberemos mais como o Jornalismo Literário se desenvolveu pelo mundo por meio de diferentes sinônimos de um mesmo gênero.

Na sequência, adentraremos no conceito de Jornalismo Literário estabelecido por Mark Kramer (1995), Felipe Pena (2006), Edvaldo Pereira Lima (2008) e Passos e Orlandini (2008) para que possamos estabelecer nosso próprio conceito diante das considerações dos autores apresentados.

Breve história do jornalismo literário

Não é de hoje e tampouco novidade a utilização de recursos da literatura no jornalismo, e também não é difícil compreender porque o jornalismo foi tão influenciado pelos livros de literatura. Em uma época em que

a função de repórter não se aprendia nos bancos de uma universidade, Machado de Assis, que iniciou a carreira como assessor de tipógrafo na Imprensa Oficial do Rio de Janeiro em 1856, talvez tenha sido uma das principais referências a profissionais da imprensa brasileira desta época não só por ter buscado em seus próprios sonetos e poesias o entusiasmo criador para a escrita em jornal. Autores como ele, eram a fonte de leitura e consequentemente da linguagem que insurgia naquele período.

Nos séculos XVIII e XIX a imprensa foi permeada por escritores de prestígio que descobriam a potencialidade dos jornais moldando a linguagem e conteúdo dos veículos. É sobre esse período que Ciro Marcondes Filho, traçando um quadro de épocas do jornalismo, engloba a influência da literatura nos chamados primeiro e segundo jornalismo como seguem:

Primeiro jornalismo: 1798 a 1830. Caracterizado pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária e comandado por escritores e intelectuais. Segundo jornalismo: 1830 a 1900. Chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia de empresa. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 48).

Até então, o que se conheciam eram os folhetins, do francês *feuilleton*, que na França eram dedicados aos romances e críticas literárias e ganharam, mais tarde, a força da lógica capitalista: as narrativas literárias surgiam para aumentar o número de leitores e, consequentemente, de vendas. (PENA, 2006).

Essa influência literária já dominava a mídia muito antes, mas a escola específica que uniu os termos e os transformou em uma única nomenclatura surgiu em meados de 1920/1930 nos veículos impressos.

O jornalismo literário, nestes termos, ficou assim conhecido pela revista *The New Yorker* que, nesta época, passou a publicar perfis que buscavam inspirações na literatura. Nascia ali uma terminologia oficializada, mas que aparecia bem depois do estilo que já estava sendo manifestado nas escritas de autores pelo mundo. Essa hibridação assumida, por assim dizer, não foi adotada facilmente pelos meios de comunicação, embora tenha ganhado mais espaço em jornais e revistas a partir da década de 1940 no Brasil.

Foi nos livros que o gênero Jornalismo Literário se revelou e em um movimento em contraposição ao texto enxuto, sem a objetividade dos textos tradicionais o Jornalismo Literário ganhou nos Estados Unidos entre 1960 e 1970 a denominação *New Journalism* ou Novo Jornalismo que resgatava e ascendia a técnica, por assim dizer, já conhecida no Brasil.

Porém, nem mesmo Tom Wolfe, considerado um dos precursores do subgênero, chamado por ele de “arte”, conseguiu descobrir quem e quando foi cunhado o termo “novo jornalismo”, cujo qual não era aprovado pelo autor.

No entanto, a expressão foi incorporada: “na época, meados dos anos 60, o que aconteceu foi que, de repente, sabia-se que havia uma espécie de excitação artística no jornalismo, e isso em si já era uma novidade” (WOLFE, 2005, p. 41).

Talvez por essa nova atitude que invadia as redações, o subgênero foi tratado como movimento, contudo, a prática não foi assim considerada por muitos autores. Para Bulhões (2007), a explicação vem pela ausência de uma metodologia à época, já que o novo jornalismo:

Não despontou com um delineamento de ideias estabelecidas por um grupo coeso de representantes, tampouco elaborou um programa ou um manifesto declaratório de princípios. Foi mais uma atitude que se processou na fluência de uma prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, inicialmente com os textos das chamadas reportagens especiais publicadas na *Esquire* e no *Herald Tribune*. (BULHÕES, 2007, p. 145).

Fato é que buscando uma qualidade equivalente à da literatura o *New Journalism* rompeu com uma forma convencional de fazer jornalismo nos Estados Unidos.

Sinônimos para o jornalismo literário

O que é inegável, independente dos termos, mais que fugir das amarras do jornalismo diário, Jornalismo Literário é ultrapassar os limites da notícia proporcionando uma visão mais ampla da realidade e garantindo profundidade e perenidade à narrativa. (PENA, 2006).

Traduzido como *New Journalism* pelos americanos e *Periodismo Informativo de Creación* pelos espanhóis, segundo Lima (2015) o termo Jornalismo Literário não é consensual entre estudiosos.

Trata-se de um “jornalismo expandido” em que a amplitude informativa, assim como humanização e elegância no texto se

destacam através de técnicas que resgatam a literatura.

Diferente do jornalismo convencional, em que se busca informar de forma objetiva, o Jornalismo Literário tem como premissa a imersão (um dos pilares do Jornalismo Literário que exploraremos adiante) do repórter no tema abordado para uma compreensão ampla do assunto, e não trazendo apenas um recorte da realidade, não se tratando apenas de um meio para libar a veia literária e o conceito é muito mais amplo.

As narrativas da vida real não se atêm a função precível da notícia, mas aos imbróglios do mesmo. Pode-se compreender ainda por Jornalismo Literário, o jornalista que consegue extrair com profundidade diferentes ângulos da notícia, captando muitas vezes informações que não chegam a ser lidas (ou ouvidas e assistidas).

É por isso que no Jornalismo Literário a reportagem precisa ser compreendida com sensibilidade extrema, diferente do que temos presenciado no jornalismo *hard news*.

É um tipo de jornalismo em que, basicamente, leva-se em consideração a imersão do repórter na realidade, a precisão de dados e observações, a busca do ser humano por trás do que se deseja relatar e a elaboração de um texto (para jornal, revista, internet, televisão ou cinema) que permita que a história venha à tona por meio de uma voz autoral e de um estilo. (CASATTI, 2006, online).

Foi utilizando-se do *New Journalism* que um dos pais do gênero, Gay Talese (2004) elaborou o seu aclamado “Fama e Anonimato”. Sua observação aguçada o permitiu traçar o lado oculto de celebridades e ao mesmo tempo apresentar “a fascinante vida

de pessoas desconhecidas”, além de um perfil de Nova York extremamente descritivo como se lê aqui:

Nova York é uma cidade de homens sem cabeça que ficam dia e noite enfiados em guichês de metrô, vendendo bilhetes para pessoas apressadas. A cada dia de semana, mais de 4 milhões de usuários passam por esses homens que parecem não ter cabeça, nem rosto, nem personalidade — apenas dedos.

A não ser quando dão informações, seu vocabulário é constituído basicamente de três palavras: “Quantos, por favor?”. Mas na *Fourteenth Street* há um bilheteiro chamado William DeVillis que se rebela abertamente contra o anonimato. Do lado de fora de sua cabine na *Eighth Avenue*, ele pregou o cartaz: “Por favor, sorria. Este trabalho já é duro demais”. As pessoas sorriem. (TALESE, 2004, p. 39).

Este é o chamado romance-reportagem, introduzido por Edvaldo Pereira Lima no clássico “Páginas ampliadas” que aborda as especificações deste que é tratado como subgênero do Jornalismo Literário. Produzido por jornalistas, o livro-reportagem, como ficou conhecido, tornou-se o principal meio dos jornalistas literários ou novos jornalistas.

Nos livros, de forma quase independente e especialmente livre, jornalistas podem produzir biografias, reportagens e entrevistas sem as extremas limitações de páginas e caracteres, que são comumente definidos por editores-chefes e seus veículos de comunicação.

Com a possibilidade de aprofundar histórias, a literatura de não ficção, como é também conhecida começa a ganhar atenção por sua característica de escrita elegante e imagética: o leitor pode agora visualizar o que lê.

Hunter Thompson quando lançou em 1965 “*Hell’s Angels* – medo e delírio sobre duas rodas” elucidou uma das simbioses entre jornal e livro-reportagem. Truman Capote também exemplificou essa possibilidade ao introduzir o livro “*A Sangue Frio*”.

A história relata o assassinato de uma família em uma pequena e pacata cidade nos Estados Unidos. Capote publicou antes ainda, um perfil do ator Marlon Brando intitulado “O duque em seus domínios”, sendo este um dos primeiros textos do gênero híbrido de jornalismo com literatura considerado por muitos como ficção, mas não o era.

Embora muitas vezes seja lido como ficção, o novo jornalismo não é ficção. É ele, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos passíveis de verificação, pelo uso de aspas e observância dos rígidos princípios organizacionais à moda antiga. O novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de observador neutro, como outros preferem, inclusive eu próprio. (TALESE, 2004, p. 9).

E além dessa investida imaginativa como aponta Gay Talese, Norman Mailer, John Hersey e Joseph Mitchell, entre outros expoentes do *New Journalism* trouxeram inclusive para o Jornalismo Literário, técnicas antes não utilizadas como intuição, consciência, monólogo interior e digressões, o que é explicado por Sérgio Villas Boas:

O bom repórter narrativo é aquele que une duas qualidades aparentemente distantes uma da outra para fazer com que uma reportagem (temática ou biográfica) se torne

durável, não descartável. De um lado, ele/ela precisa usar o melhor de sua inteligência racional para estudar, levantar informações e interpretações básicas, compreender com profundidade e analisar o assunto que tem pela frente. De outro, precisa utilizar sua inteligência emocional (incluindo a tal da intuição) para se deixar tocar sensorialmente pelo tema que aborda, pela ressonância interior causada pelas pessoas com as quais irá lidar (tête-à-tête), pelas características subjacentes, sutis, dos cenários por onde circulará para levantar dados objetivos e subjetivos. O importante é, deveria ser, a busca de conteúdo e forma ancorados no real, mas expressos de maneira tão fascinante quanto a dos melhores textos de ficção. (VILLAS BOAS, 2014, online).

E é nessa mesma leva que autores brasileiros afloram a também chamada literatura criativa de não ficção em obras como “A vida que ninguém vê” de Eliane Brum (2006), resultado de uma série de reportagens da jornalista para o Jornal Zero Hora. Ou ainda, Joel Silveira em “A milésima segunda noite da Avenida Paulista” que reúne escritos na década de 40 do jornalista. Ainda que não acreditem exercitar as técnicas do Jornalismo Literário, alguns autores deixam-se visivelmente ser usados pela intuição e pela divagação, além da descrição apurada do que seus cinco sentidos podem captar e que estão dentro do que abrange o Jornalismo Literário. Nesse sentido, destaca Brum (2006):

Não há cristão, evangélico ou ateu que saiba dizer por aqueles lados como foi que se passou. Num daqueles dias agourentos do pampa, quando o ar se anuncia como desgraça e até as vacas se constroem de mugir, Tierrri apareceu no velório. Trazia um lenço grande, encardido como se tivesse sido lavado no barcro, e, mal avistou o defunto, já começou a chorar. Não o choro comedido da boa educação, com lágrimas pingando à unidade, como se o olho tivesse

sido torcido. Nem o pranto do crocodilo, com uma vista no caixão e a outra na herança. Mas o choro copioso, em vagalhão, despejado de dentro do peito como se toda a sua vida fosse não mais do que um preâmbulo para aquele momento. (BRUM, 2006, p. 79)

As revistas também têm abraçado o gênero como forma de satisfazer o leitor em leituras mais vastas e abertas para uma compreensão que não está estagnada na objetividade.

No Brasil recente, “Piauí” e “Brasileiros” se consolidaram como um espaço fértil para a produção do jornalismo literário, especialmente no quesito perfil, quando jornalistas debruçam-se a armazenar o que não teria lugar em jornais diários.

Ao entrevistar Dráuzio Varella, o jornalista Ricardo Kotscho não dispensa descrição e sensações para narrar o encontro com seu personagem.

Na hora marcada, três da tarde da primeira segunda-feira de agosto, ele me convida para entrar em seu franciscano consultório no terceiro andar do prédio, em frente à entrada principal do Hospital Sírio-Libanês, na região central de São Paulo, um dos seus muitos locais de trabalho. Aos 67 anos, o doutor Drauzio Varella é um personagem asséptico e atípico. À primeira vista, nada nele chama a atenção. Nem a roupa, nem qualquer acessório que possa identificar sua profissão. Dispenso-me descrever como ele é. Sua figura calva, magra e serena, todo o País conhece das noites de domingo na TV Globo, onde as séries médicas por ele apresentadas no Fantástico são campeãs de audiência desde a estreia, há dez anos. (KOTSCHO, 2015, online)

Reportagens como esta, porém, elaboradas anos antes, foram suficientes para a concretização das revistas que passavam a suprir uma necessidade de maior qualidade informativa.

Os novos meios vieram para consolidar o que passou a ser conhecido como grande-reportagem ou jornalismo interpretativo, evitando que o público fique sem meios para “[...] compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro.

Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros.” (LIMA, 2009, p. 19).

As oito faces do jornalismo literário

Mais que uma técnica, o jornalismo literário é um parâmetro de um jornalismo que foge aos padrões da objetividade. O que também não quer dizer “livrar-se” das bases dessa escola. Este é justamente o primeiro dos sete temas elencados por Pena (2004, p. 13) como forma de compreender a complexidade que envolve a definição de Jornalismo Literário.

A “estrela de sete pontas”, assim denominada pelo autor, apresenta atribuições que resultam em um texto amplamente informativo, humanizado e diferente do encontrado diariamente nos jornais. Na ordem, são assim precisamente denominadas pelo autor:

- a) Potencializar os recursos do jornalismo:

O jornalista literário não ignora o que aprendeu no jornalismo diário. Nem joga suas técnicas narrativas no lixo. O que ele

faz é desenvolvê-las de tal maneira que acaba constituindo novas estratégias profissionais. Mas os velhos e bons princípios da redação continuam extremamente importantes, como, por exemplo, a apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas. (PENA, 2015, p. 49).

- b) Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano:

O jornalista rompe com duas características básicas do jornalismo contemporâneo: a periodicidade e a atualidade. Ele não está mais enjaulado pelo deadline, a famosa hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente deve entregar a sua reportagem. E nem se preocupa com a novidade, ou seja, com o desejo do leitor em consumir os fatos que aconteceram no espaço de tempo mais imediato possível. Seu dever é ultrapassar estes limites. (PENA, 2015, p. 49).

- c) Visão Ampla do real:

É contextualizar a informação da forma mais abrangente possível, o que seria muito mais difícil no exíguo espaço de um jornal. Para isso, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens e, novamente, localizá-las em um espaço temporal de longa duração. (PENA, 2015, p. 49).

- d) Exercitar a cidadania: “Quando escolher um tema, deve pensar em como sua abordagem pode contribuir para a formação do cidadão, para o bem comum, para a solidariedade.” (PENA, 2015, p. 50).

- e) Rompimento da fórmula do lead:

A fórmula realmente tornou a imprensa mais ágil e menos prolixa, embora a subjetividade não tenha diminuído. A opinião

ostensiva foi apenas substituída por aspas previamente definidas e dissimuladas no interior da fórmula. Para a socióloga Gaye Tuchman, por exemplo, a objetividade nada mais é do que um ritual de auto-proteção dos jornalistas. E a pasteurização dos textos é nítida. Falta criatividade, elegância e estilo. É preciso, então, fugir dessa fórmula e aplicar técnicas literárias de construção narrativa. (PENA, 2015, p. 50).

f) Evitar os definidores primários:

Eles são os famosos entrevistados de plantão. Aqueles sujeitos que ocupam algum cargo público ou função específica e sempre aparecem na imprensa. São as fontes oficiais: governadores, ministros, advogados, psicólogos, etc. Como não há tempo no jornalismo diário, os repórteres sempre procuram os personagens que já estão legitimados neste círculo vicioso. Mas é preciso criar alternativas, ouvir o cidadão comum, a fonte anônima, as lacunas, os pontos de vista que nunca foram abordados. (PENA, 2015, p. 50).

g) Perenidade:

Uma obra baseada nos preceitos do jornalismo literário não pode ser efêmera ou superficial. Diferentemente das reportagens do cotidiano, que, em sua maioria, caem no esquecimento no dia seguinte, o objetivo aqui é a permanência. Um bom livro permanece por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos. Para isso, é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articulada em teias de complexidade e indeterminação. (PENA, 2015, p. 50).

Outras características já exploradas no jornalismo literário são os pilares do Jornalismo Literário segundo Edvaldo Pereira Lima (2008). São eles: exatidão, humanização, es-

tilo próprio, voz autoral, criatividade, compreensão e simbolismo, contar uma história, responsabilidade social, imersão e universalização temática.

Além de Felipe Pena e Edvaldo Pereira Lima, este último considerado um dos principais nomes no Brasil em pesquisa em Jornalismo Literário, cofundador e vice-presidente da Academia Brasileira de Jornalismo Literário, alguns autores acadêmicos como Sérgio Villas Boas, Mark Kramer e Angélica Weise defendem a ideia de que o Jornalismo Literário é um jornalismo mais apurado e de escrita elegante tendo recebido este nome por incorporar técnicas da literatura na narrativa da vida real, um dos sinônimos mais utilizados para o subgênero. (LIMA, 2009).

Monica Martinez (2012) utiliza um quadro que compara o conceito de Jornalismo Literário estabelecido por quatro autores e a escola de especialização em Jornalismo Literário, a já extinta Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), porém ainda maior referência em educação no Brasil no estilo.

Kramer (1995)	ABJL (2000)	Pena (2006)	Lima (2008)	Passos & Orlandini (2008)
1. Imersão no assunto e pesquisa	1. Imersão	1. Potencializar recursos do jornalismo	1. Exatidão e precisão	1. Imersão
2. Pactos claros com fontes e leitores no que se refere à exatidão	2. Voz autoral	2. Ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano	2. Contar uma história	2. Expansão
3. JL escrevem quase sempre sobre eventos rotineiros	3. Estilo literário	3. Proporcionar visão ampla da realidade	3. Humanização	3. Precisão
4. Voz interior	4. Precisão de dados e informações	4. Exercitar a cidadania.	4. Compreensão	4. Subjetivação
5. Estilo	5. Uso de símbolos e metáforas	5. Romper com as correntes do lead	5. Universalização temática	5. Experimentação
6. Ponto de vista flexível e móvel	6. Digressão	6. Evitar definidores primários	6. Estilo próprio e voz autoral	
7. Estrutura conta	7. Humanização	7. Buscar a perenidade do texto	7. Imersão	
8. Desenvolvem de sentidos			8. Simbolismo	
			9. Criatividade	
			10. Responsabilidade social	

Quadro 1 - Comparativo de Autores do Jornalismo Literário

Fonte: Martinez (2012)

A lista cronológica apresenta proximidades entre cada atributo enumerado, sendo que exatidão e precisão de dados, estilo, e humanização são comuns entre todas as teorias do Jornalismo Literário. A partir do quadro dos conceitos da “estrela de sete pontas” (PENA, 2004), os “pilares do jornalismo literário” (LIMA, 2008) e do quadro comparativo (MARTINEZ, 2012), elencamos oito traços característicos do Jornalismo Literário que se complementam e que contribuirão para os estudos do Telejornalismo Literário. Essas oito características eleitas compõem o que

chamaremos de Octógono do Jornalismo Literário (OJL).

I – Pesquisa Expandida

Por se tratar de jornalismo, a pesquisa e exatidão são inerentes a qualquer gênero jornalístico e não seria diferente no Jornalismo Literário. Este é o ponto inicial e fundamental do Jornalismo Literário, porém com uma elevação na escolha de como estruturar as informações obtidas. Os dados podem ser apresentados de forma criativa, mas sempre respeitando as fontes e suas comprovações. Contribui para o diferencial do Jornalismo Literário, a busca além das fontes oficiais ou legitimadas pela grande mídia, ou seja, proporcionar ao público, novas ou diferentes opiniões sobre o tema proposto.

II – Marcas do Fantástico

Normalmente ocorre na redescoberta do cotidiano, quando o comum pode se tornar incomum, heroico, trágico, grandioso. O jornalista recorre a figuras de linguagem, metáforas, poesia, literatura, mitos, memórias e conhecimentos tácitos do público. Assim como na literatura fantástica (TODOROV, 1997), o jornalismo literário pode transitar, em movimento pendular, entre a realidade e o imaginário, criando efeitos de sentido que ampliam a percepção dos personagens e agregam outras dimensões ao factual.

III - Leitura e Interpretação do Real

A leitura e a interpretação da realidade são fundamentais para que haja uma perfeita “tradução” dessa mesma realidade para o leitor. É preciso apresentar o assunto de forma

que o recorte se torne amplo, mas sem distorcer a visão dos fatos.

Compreender, interpretar e traduzir os acontecimentos em uma linguagem acessível ao público só pode ser alcançado com a plena imersão no tema, já apontado por Kramer (1995), Lima (2008), Passos; Orlandini (2008). É no objetivo de alcançar abrangência, amplitude do tema e a imersão na realidade que torna o jornalismo literário subjetivo.

IV – Assinatura

A assinatura no jornalismo literário está diretamente ligada ao estilo do jornalista, conferindo ao narrador uma proposta que evidencie sua diferenciação perante o jornalismo padrão, entendimento muito próximo do que Lima (2008) apresentou como “voz autoral”. Neste ponto entendemos que o repórter tem autonomia para escolher como quer distinguir sua reportagem.

A assinatura, neste caso, vai além da fuga de modelos, isto é, o repórter pode criar seu padrão de reportagem literária podendo ser reconhecido por seu estilo, sua voz autoral, e não apenas pelo nome assinado na matéria.

Ainda que o Jornalismo Literário não comporte fórmulas para sua produção, neste gênero o jornalista pode explorar a sua forma de estruturar a matéria, incrementando com conhecimento próprio, o que por si só já estabelece uma diferenciação perante as demais reportagens.

V – Narratividade

A narrativa envolve a estrutura da matéria e a forma como ela é concebida pelo jornalista, é uma complementação do que se compreende por assinatura. Personagens, cenários, situações, ações ganham outras dimensões além do factual quando se escolhe contar

uma história e não simplesmente narrar os acontecimentos. Em uma reportagem literária é possível encontrar o uso da primeira pessoa, como já vimos em livros-reportagem de Truman Capote ou Joseph Mitchell.

Esta pode ser uma estratégia que proporcione ao leitor uma experiência junto ao personagem ou o próprio jornalista da história narrada. A estrutura da reportagem é fundamental para dar tratamento estético ao jornalismo literário, para encantar o leitor e dar forma poética à narrativa.

Da pauta até a reportagem finalizada, ainda que não saia exatamente como planejada, o jornalista deve manter o foco, controlar todos os processos de produção.

VI - Compromisso Sociocultural

O compromisso do jornalista literário é alcançar a humanização em qualquer editoria. Sua responsabilidade está ligada à informação em primeiro lugar, no entanto, ele busca uma visão que explicita a realidade retratada, possibilitando ao leitor o entendimento da complexidade de um determinado contexto sociocultural. Revelar personagens e fatos invisíveis para a sociedade, “ensinar” o telespectador a lidar com a realidade retratada, mobilizar setores da sociedade em relação ao tema retratado são caminhos para uma transformação sociocultural tanto no ambiente do leitor quanto no ambiente dos personagens envolvidos pela reportagem.

VII – Composição do Herói

Ao compreender o Jornalismo Literário como uma construção social através da reportagem não se pode ignorar os personagens que formam esse contexto retratado, estes estão usualmente ligados a um feito heroico,

porém, quase nunca contemplado nestes termos.

A proposta deste ponto do Jornalismo Literário é criar empatia com o público; o personagem da reportagem literária quase sempre está envolvido com uma atividade cotidiana que é ignorada pela sociedade, e neste ponto a ideia é valorizá-lo, tornar sua atividade grandiosa, próxima de uma jornada diária repleta de desafios, angústias, medos, mas que é superada pelo personagem, pode ser alguém que carrega uma história incomum, um passado de lutas, ou um presente de persistência.

O repórter literário busca pelo herói que há neste personagem, representação esta que pode ser obtida com a fala do próprio entrevistado, com a observação do repórter, depoimento de outrem, resgate histórico, entre outras possibilidades que cabem à habilidade e empenho do jornalista.

O Jornalismo Literário se utiliza de eventos rotineiros, como defende Kramer (1995), e torna-se tão atraente, sendo esse poder de encantar o leitor proporcionado pela visão do repórter e a forma do texto.

VIII – Memória

Diferente do jornalismo factual, o Jornalismo Literário foge do efêmero e busca permanecer na memória do leitor, Pena (2006) chama de perenidade. Ao lidar com o fantástico, o jornalista literário busca linguagens, signos, textos, intertextos, discursos e imagens presentes tanto na memória coletiva (o imaginário social) quanto em sua memória

pessoal (experiências de vida) e essa combinação resulta na subjetividade inerente ao Jornalismo Literário, ao mesmo tempo autoral e coletivo, permitindo desdobramentos afetivos, culturais, psíquicos, sociais, comunitários a partir da reportagem apresentada.

O leitor não apenas recebe uma informação, mas cria um elo de compreensão com esse estilo de reportagem – o que cria o poder de permanência no imaginário social. Em outras palavras, nenhuma reportagem literária é produzida para cair no esquecimento.

Portanto, a memória é uma face importante do Jornalismo Literário, uma via de mão dupla, pois, o jornalista se alimenta do imaginário social para a produção da reportagem que, depois de veiculada e consumida na imprensa, passa ela mesma a alimentar e fazer parte do imaginário social.

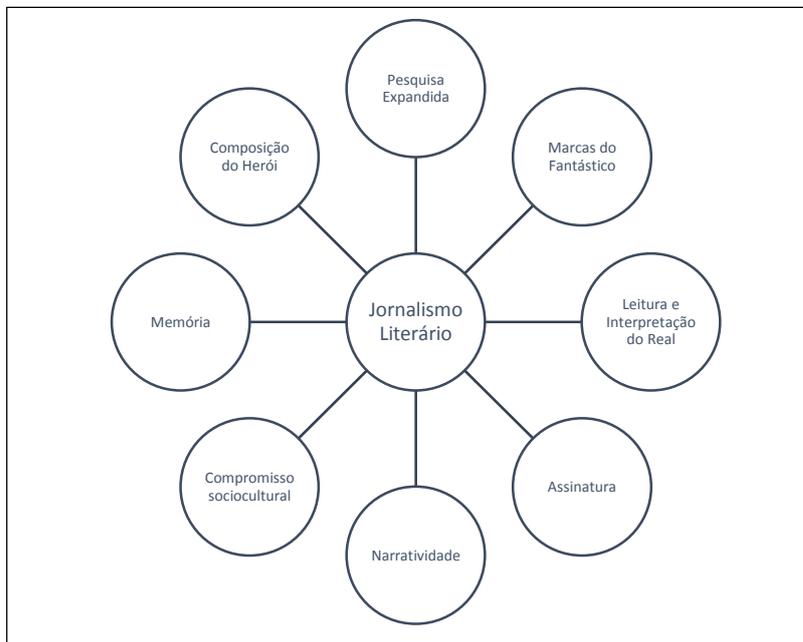


Gráfico 1- Octógono do Jornalismo Literário
Fonte: Elaborado pela autora (2016).

Considerações finais

Para Lima (2009), o jornalista literário reconstrói o mundo a medida que é um tradutor de conhecimentos. “Registra, observa, testemunha, interpreta, traduz. Só assim pode disponibilizar ao leitor propostas de compreensão da realidade. Só assim presta um serviço que vale a pena”. (LIMA, 2009, p. 368) Neste sentido, o autor complementa: “Há uma função educativa, portanto, alimentando o jornalismo literário” (LIMA, 2009, p. 368).

Da mesma forma que recursos e técnicas são utilizados para manipular e causar uma impressão sensacionalista ao telespectador, neste simulacro segundo Chauí (2007), o jornalismo literário tem nas mãos armas quase imperceptíveis e que são atrativos para uma educação estética também ténue nesta conversa entre literatura e jornalismo. Os textos e personagens pouco explorados têm destaque dentre outras produções do jornalismo.

Ainda que existam outros conceitos sobre o Jornalismo Literário este artigo aponta para caminhos necessários no constante estudo do JL, tanto no meio acadêmico quanto entre profissionais de imprensa como uma possibilidade de exploração de um gênero que mostra-se complexo, porém imprescindível para uma premente transformação no jornalismo.

Classificar o Jornalismo Literário de forma ampla e introduzindo-o a um outro patamar de estudos que o aponte como alicerce de outros gêneros como o Telejornalismo Literário é abrir espaço para a busca por um telejornalismo diferenciado.

Jornalistas e sociedade urgem perceber o quanto as narrativas do JL podem influenciar na humanização de ações pautadas por movimentos sociais, por exemplo, fazendo uma construção diferenciada do contexto político-cultural com priorização dos atores coletivos em suas produções.

Assim como o jornalismo literário ultrapassou “os limites da notícia proporcionando uma visão mais ampla da realidade e garantindo profundidade e perenidade à narrativa” (PENA, 2006), o telejornalismo também busca com o Telejornalismo Literário uma determinada elegância, humanização da notícia e permanecer mais tempo na memória do público. Esse estudo é um primeiro passo e justamente uma encruzilhada que aponta para várias direções de pesquisa.

Referências

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago, 2006.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CASATTI, Denise. **Viagem ao outro**: Um estudo sobre o encontro entre jornalistas e fontes. 122 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) Universidade de São Paulo: São Paulo, 2006.

Disponível em:

<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/7/27142/tde-04082009-221701/pt-br.php>>.

Acesso em: 30 out. 2015.

CHAUI, Marilena. **Simulacro e Poder**: Uma análise da mídia. SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

IPEA. Disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/SIPS/140313_sips_telecomunicacoes.pdf>. Acesso em: 12 fev.2015.

KÖNIG, Mauri. **Narrativas de um correspondente de rua**. Curitiba: Pós-Escrito, 2008.

KOTSCHO, Ricardo. O ainda fumante inveterado Ricardo Kotscho. **Revista Brasileiros**. Publicado em 28/09/2010.

Disponível em:

<<http://brasileiros.com.br/2010/09/o-ainda-fumante-inveterado-ricardo-kotscho-entrevista-o-antifumante-radical-drauzio-varella/>>. Acesso em 09 set. 2015.

KRAMER, Mark. *Breakable rules for literary journalists*. In: SIMS, Norman;

KRAMER, Mark. (org.). *Literary Journalism: a new collection of the best american nonfiction*. Nova York: Ballantine Books, 1995. p. 21-34.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª ed. Barueri, SP: Manole, 2008.

MACHADO, I. Contribuições de McLuhan para uma visão de mundo global e inclusiva. In: SOUZA, J.; CURVELLO, J. **100 anos de McLuhan, Brasília, DF**: Casa das Musas, 2012.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Comunicação e jornalismo**: a saga dos cães perdidos. São Paulo: Hacker, 2000.

MARTINEZ, Monica. **O Jornalismo Literário e a Mídia Sonora**: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo, da Rádio CBN. Líbero – São Paulo – v. 15, n. 29, p. 111-124, jun. de 2012.

MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda**: A mídia e a opinião pública. Tradução de Jacques A. Wainberg. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1969.

McLUHAN, Stephanie; STAINES, David (Org.). **Mcluhan por Mcluhan**: conferências e entrevistas. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

MELO, Patrícia Bandeira de. **Um passeio pela História da imprensa**: o espaço

público dos grunhidos ao ciberespaço. *Comunicação e Informação*. v 8, n° 1. p. 26 - 38. - jan/jun. 2005.

PASSOS, M. Y.; ORLANDINI, R. A. Um modelo dissonante: caracterização e gêneros do Jornalismo literário. *Contracampo*, Rio de Janeiro: UFF, n.18, p.75-96, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0123-3.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Teoria da Biografia Sem Fim*. Rio de Janeiro. Ed. Mauad. 2004.

_____. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo. Ed. Contexto. 2005.

PENA, Felipe. *O jornalismo Literário como gênero e conceito*. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/viewFile/349/152>>. Acesso em: 23 ago. 2015.

TALESE, Gay. *Fama e Anonimato*. Trad.: Luciano Vieira Machado; 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Editora Moraes, 1977.

VALIM, Silvia. *O gênero Telejornalismo Literário: Estudos sobre a reportagem literária na Tv brasileira*. 171fs. Dissertação (Mestrado em Comunicação, Educação e Formações Socioculturais). UFPR, Curitiba, 2016.

VILLAS BOAS. Disponível em: <<http://www.sergiovilasboas.com.br/jornalismo-literatura/>>. Acesso em 12 set. 2014.

WEISE, Angelica Fabiane. *Jornalismo Literário: Análise de Reportagens Literárias de José Hamilton Ribeiro na revista Realidade*. *Revista Anagrama*. v. 6, n. 3, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/52396>>. Acesso em: 12 dez. 2014.